

INOVAÇÃO SOCIAL E INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA COMO ABORDAGENS RELACIONAIS EM TEMPOS DE TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

REZILDA RODRIGUES OLIVEIRA (12389021468)
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

CATIA WANDERLEY LUBAMBO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Resumo

Na era das transições para a sustentabilidade, o campo de pesquisa envolve uma ampla variedade teórica, dentre elas as abordagens relacionais envolvendo Inovação Social (IS) e Investigação Apreciativa (IA), que têm em comum a pesquisa-ação com uma de suas práticas nos processos de transformação. Assim, este ensaio acadêmico tem como objetivo estabelecer as conexões relacionais inerentes tanto à IS como à IA como elementos integrantes de uma agenda de trabalho associada às transições para a sustentabilidade tomando-se as instituições de ensino superior como objeto empírico de um futuro estudo.

Palavras Chave

Inovação Social, Investigação Apreciativa, Sustentabilidade

INOVAÇÃO SOCIAL E INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA COMO ABORDAGENS RELACIONAIS EM TEMPOS DE TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

Resumo

Este ensaio acadêmico tem como objetivo estabelecer as conexões relacionais inerentes tanto à Inovação Social (IS) como à Investigação Apreciativa (IA) como elementos integrantes de uma agenda de trabalho associada às transições para a sustentabilidade tomando-se as Instituições de Ensino Superior (IES) como objeto empírico de um futuro estudo. Na análise, utiliza-se conceitos discutidos no campo das ciências da sustentabilidade e se constituem uma virada relacional nas ciências humanas e sociais, reunindo IS e IA como abordagens capazes de responder a necessidades emergentes (e urgentes) em face dos desafios societais e ambientais, alguns de natureza disruptiva. Embora ambas tenham sido destacadas com sua orientação e conteúdos próprios, IS e IA têm em comum a pesquisa-ação como sua perspectiva transformacional e generativa necessária à sustentabilidade. No ensaio, como objeto de estudo, as IES são entendidas como instituições transformadoras e propícias para se lidar com o fenômeno dos laboratórios vivos, abertos à inovação e à experimentação a ser transposto para um *design* de transição colaborativo e inclusivo mediante o uso da IS e da IA como abordagens relacionais. No contexto situado das transições para a sustentabilidade, fala-se de uma questão que é global, mas se revela concretamente em um nível local.

Palavras-chave: Inovação Social, Investigação Apreciativa, Sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que na atualidade se vive a era das transições para a sustentabilidade, cujo campo de pesquisa envolve uma ampla variedade de tópicos, abordagens e metodologias (Farla *et al.*, 2012). Por definição, tais transições constituem um fenômeno de longo prazo e de natureza multidimensional, em que os processos transformacionais fundamentais fazem com que os sistemas sociotécnicos estabelecidos busquem se tornar mais sustentáveis. Para Markard; Raven e Truffer (2012), elas dizem respeito a mudanças profundas em diferentes dimensões, quais sejam, tecnológicas, organizacionais, político-institucionais, econômicas, comportamentais e socioculturais, dentre outras. De fato, segundo Krlev e Terstriep (2022), as transições exigem mudanças em múltiplos sistemas, práticas e instituições sociais.

Entretanto, nem todas as mudanças envolvem processos de transição e nem todas são desejadas (por exemplo, colapso de ecossistemas, colapso econômico, mudanças climáticas de alto impacto), razão pela qual é imperativo explorar possibilidades de inovar, avançar e acelerar as transições desejadas (Loorbach; Frantzeskaki; Avelino, 2017).

A busca por saídas para esse problema remete a diferentes perspectivas de inovação consideradas essenciais para alcançar e entender as transições para a sustentabilidade. Esse ponto é importante para o desenvolvimento deste ensaio acadêmico pois se aborda a inovação social (IS) como uma das temáticas do estudo e seu papel na mudança em direção à sustentabilidade (Krlev; Terstriep, 2022). Ao mesmo tempo, procura-se enfatizar a essência transformadora (que cria as condições para mudar) da IS, sobretudo àquela que envolve pessoas e instituições e as convida a empreenderem estratégias e ações que, sob certas condições, levem a mudanças sistêmicas transformadoras (Haxeltine *et al.*, 2013).

Neste sentido, para Havas, Schartinger e Weber (2023), a IS trata da promoção de uma mudança transformadora orientada por objetivos que alcancem a sociedade, de sorte que os processos de transformação de sistemas sejam voltados para a resolução de desafios societais e ambientais atuais ou futuros esperados, de vários tipos. Fala-se, então de experimentos de

transição que visam ao alcance de objetivos sociais que sejam frutos de uma visão coletiva e partam daquilo que as pessoas tenham em mente (Sengers; Wiczorek; Raven, 2019).

Na definição temática deste ensaio a discussão se volta para estratégias transformacionais identificadas com a IS promovida na esfera das instituições de ensino superior (IES). Sabendo-se da importância que para elas têm na questão da transição para a sustentabilidade, imagina-se que isto deve repercutir em seus principais modos de operação (educar, pesquisar e servir a sociedade, própria de seu modelo de funcionamento), de modo que as IES possam efetivamente ser um agente de mudança de cultura para o desenvolvimento sustentável (Dzimińska; Fijałkowska; Sułkowski, 2020).

Moulaert e Van Dyck (2013) referem que a figura do agente de mudança em termos da IS tem a ver com “mudar o mundo” através do estudo, da cooperação e da intervenção partilhada ou ação coletiva, geralmente sob a forma de pesquisa-ação como uma das práticas científicas que produzem conhecimento relacionado à IS. Isso é dito por Estensoro (2015), para quem a IS se torna possível pela pesquisa-ação que remete à mudança, sobretudo quando se dá a aprendizagem cogerativa e a geração de novas competências para enfrentar desafios partilhados pelos atores envolvidos.

A Investigação Apreciativa (IA) constitui uma dessas práticas de pesquisa-ação que podem ser associadas à IS em seu propósito de transformar a sociedade e suas comunidades na direção do desenvolvimento humano. Desde suas origens na década de 1980 até os dias atuais, a IA propõe uma agenda ativista de IS por meio da criação de conhecimento, valores orientadores centrados na vida e uma metáfora subjacente da vida como um milagre (Cooperrider; Srivastva, 2017; Zandee; Cooperrider, 2008). A pesquisa-ação de natureza apreciativa constitui um veículo de IS e fonte de uma boa teoria, em que se parte de uma visão paradigmática centrada nos pontos fortes e na generatividade.

Indo mais além, a IA tem sido associada ao desenvolvimento de estratégias transformacionais por Moriggi (2022), em face de ser uma pesquisa-ação voltada para a coprodução de conhecimento com e para as partes interessadas da sociedade, visando a apoiar e a permitir uma mudança sustentável. Segundo tal perspectiva, a adoção da IA tem como proposta a promoção da mudança transformacional, que se aplica em situações em que se observa a necessidade de uma reformulação radical das interações humanas e ambientais em sistemas socioecológicos que enfrentam desafios globais disruptivos (Olsson; Galaz; Boonstra, 2014).

Há que se pensar, até mesmo, que isto pode ser aplicado quanto ao processo de incorporação do significado de sustentabilidade por parte das IES (Brunstein; Rodrigues, 2014), as quais precisam dispor do conhecimento necessário para lidar com a sustentabilidade no atual cenário (Schneider *et al.*, 2019).

Neste particular, não escapa a relevância da IS como tema de estudo na pós-graduação *stricto sensu* das IES brasileiras (Medeiros; Silveira, 2023), observando que, entre 2016 e 2021, os autores encontraram cerca de 69 trabalhos, sendo o *corpus* composto por 15 teses e 54 dissertações que se concentraram no grupo temático denominado “Desafios sociais e societais” que aborda este assunto e sinaliza para pesquisas que

possam melhorar a qualidade de vida em níveis mais altos de agregação, como cidades e regiões, para que os resultados da inovação social possam atingir a sociedade como um todo, envolvendo novas práticas sociais entre os diversos atores que se relacionam no ambiente em que a IS está sendo desenvolvida (Medeiros; Silveira, 2023, p. 6).

No caso deste ensaio acadêmico, o pano de fundo distingue-se por focalizar as transições para a sustentabilidade e dar ênfase às possibilidades decorrentes das abordagens relacionais compreendidas no referencial tanto da IS como da IA. Em se tratando desta última, destaca-se seu potencial para impulsionar processos de transformação, em especial àqueles que pressupõem o engajamento e envolvimento de múltiplas e diversas partes interessadas

(stakeholders), sobretudo visando a criar um ambiente onde o diálogo público possa florescer com aplicações feitas em universidades e outras instituições, notadamente quando é suposta a necessidade de governança para viabilizar *designs* colaborativos e inclusivos (Setton, 2017; Finegold; Holland; Lingham, 2002).

Nos estudos de Setton (2017), sustentados no paradigma da IA, é dito que a construção de relacionamentos generativos (conexões construídas com base em confiança, mitigação da vulnerabilidade, amizade e respeito) constitui algo que geralmente é precedido e fundamentado no processo de *design* colaborativo. Neste caso, a fim de apoiar a IS, os *designers* sociais defendem o uso de abordagens e metodologias de *design* colaborativo bem como processos de *design* inclusivos, que produzem resultados de *design* inovadores e sociedades inclusivas (Setton, 2017).

No caso da IS, o aspecto relacional está implícito no fato de ela pressupor um processo de mudança que afeta as relações sociais, tendo como resultado novas ideias que atendam simultaneamente às necessidades sociais e criem relacionamentos ou colaborações. Segundo Pel *et al.* (2020), a IS constitui uma propriedade qualitativa de ideias, objetos, atividades ou (grupos de) pessoas, que podem ser consideradas socialmente inovadoras na medida em que contribuem para a mudança das relações sociais em situações críticas.

Diante dessa argumentação, ressalta-se que a linha de trabalho empregada neste ensaio implica o recurso metodológico de recorrer a determinados referenciais que permitem expor e discutir tópicos importantes derivados do interesse dos pesquisadores (Jahan *et al.*, 2016), sendo esse formato indicado quando se está tentando unir variados estudos sobre temas diferentes, seja para fins de reinterpretação ou de interconexão (Baumeister; Leary, 1997).

Sendo assim, ao reunir ambas as abordagens relacionais (IS e IA), a expectativa é de que se venha a gerar aportes que os estudos de práticas interconectadas podem trazer para a literatura sobre as transições para a sustentabilidade (Klitkou *et al.*, 2022).

Este é o cerne do ensaio acadêmico aqui apresentado que tem como objetivo estabelecer as conexões relacionais inerentes tanto à IS como à IA como elementos integrantes de uma agenda de trabalho associada às transições para a sustentabilidade tomando-se as IES como objeto empírico de um futuro estudo. A escolha feita se explica porque estas se encontram no centro de uma discussão inadiável (e inevitável) dado que a sustentabilidade, cada vez mais, tem sido vista como uma das funções emergentes das universidades, inclusive a ser incorporada à sua missão institucional.

Por conta desse desafio, alguns autores chegam a chamá-las de instituições transformadoras (Puente *et al.*, 2021; Trencher *et al.*, 2014), cabendo-lhes assumir a cocriação para a sustentabilidade como as sementes potenciais de uma nova missão ainda em processo de desenvolvimento e de imersão na IS para dar conta deste compromisso com a mudança institucional, cabendo mobilizar esforços igualmente direcionados para a construção de estratégias de pesquisa transformadora (Moriggi, 2022), a exemplo da IA.

2 FUNDAMENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ABORDAGENS RELACIONAIS CENTRADAS NO CONTEXTO SITUADO DAS TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

2.1 INOVAÇÃO SOCIAL: evolução do conceito rumo à temática da sustentabilidade

Começando pela IS, é importante apontar que a ideia com a qual se lida neste ensaio tem muito a ver com Mulgan *et al.*, (2007) bem como Mulgan (2006), autores que a definem como a promoção de atividades e serviços inovadores motivados pela meta de atendimento a uma necessidade social, que possam ser plenamente desenvolvidos e difundidos por meio de organizações, em especial àquelas cujo principal propósito seja social.

Para Choi e Majumdar (2015), apesar de a ideia de IS ter ganhado cada vez mais atenção nos últimos anos nos discursos políticos, acadêmicos e de praticantes, o conceito ainda carece de uma definição clara e apresenta diferentes significados. Contudo, é certo que a noção de IS ultrapassa o paradigma orientado para o antigo paradigma da tecnologia e inclui questionar e ressignificar o *status quo* e os desafios reinantes, além de confrontar normas, valores e crenças dominantes (Wittmayer *et al.*, 2019).ⁱ

Assim, o que se sabe acerca da evolução do conceito diz respeito ao emprego de estratégias eficazes, eficientes, justas e sustentáveis voltadas para a produção de soluções identificadas com a criação de valor social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, trazendo novas práticas sociais e servindo mais para o bem público como um todo do que para indivíduos privados (Mahmuda; Baskaran; Pancholi, 2014; Howaldt *et al.*, 2014; OECD, 2010; Phills; Deiglmeier; Miller, 2008).

Um marco a ser citado nesta direção é o *The International Handbook on Social Innovation*, para o qual a IS significa promover a inclusão e o bem-estar por meio da melhoria das relações sociais e dos processos de empoderamento: imaginar e buscar um mundo, uma nação, uma região, uma localidade, uma comunidade que conceda direitos universais aos povos e seja mais socialmente inclusivo (Moulaert *et al.*, 2013). Por esta razão, a IS pode ser invocada pelos movimentos políticos e sociais de forma político-ideológica orientada para o desenvolvimento humano.

Uma das principais características da IS é esta identidade com a detecção de necessidades sociais reais e a orientação para a resolução de problemas sociais (Edwards-Schachter; Matti; Alcántara, 2012), juntamente com a geração e entrega de novos serviços que melhoram o bem-estar de indivíduos e comunidades (OECD, 2010).

A referência feita à IS na educação é bem consistente com a criação de espaços para o engajamento criativo dos jovens e, junto com eles, desenvolver modelos que lhes permitam realizar seu potencial como agentes de mudança (Chung-Shin *et al.*, 2018). Os autores assinalam que o termo “inovação social” tem desfrutado de crescente popularidade nos últimos anos e, em seu estudo, foi utilizado para se distinguir do entendimento mais tradicional de inovação tecnológica ou baseada no mercado que não consegue enfrentar as crescentes desigualdades sociais.

A forma de ação é coletiva pois visa a criar relações sociais ou colaborações, sugerindo uma estratégia conjunta que fomente e aumente a capacidade de ação da sociedade (Chung-Shin *et al.*, 2018). Ao mesmo tempo, tal estratégia pode servir para se combater ou superar forças conservadoras que resistem ao combate de situações de exclusão social (Moulaert *et al.*, 2013). A recomendação consiste em alcançar objetivos socialmente reconhecidos de uma nova maneira, que enfoque teorias e práticas e envolvam interessados no assunto, dispostos a desenvolverem uma experimentação metodológica reflexiva e a perseguirem estratégias contextuais e materiais para implementá-las em estudos de caso e outros modos de pesquisa (Broadley, 2020).

Na atualidade, a discussão está associada a necessidades emergentes (e urgentes) a serem atendidas pelos inovadores sociais (Audretsch; Eichler; Schwarz, 2022). Assim, não é de estranhar a ênfase dada à promoção e encorajamento de parcerias entre os atores de todos os setores (Estado, mercado e sociedade civil), o que se mostra extremamente oportuno posto que o ritmo das mudanças não tem sido, até agora, rápido o suficiente para cumprir as metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS's) na esfera da Agenda 2030 (Lee; Waddock, 2021).ⁱⁱ

Lee e Waddock (2021) apontam para a existência de agentes catalisadores de transformações responsáveis pela introdução intencional de inovações organizacionais e institucionais promissoras, especificamente projetadas para abordar problemas e oportunidades sociais e ambientais. Em sua visão, tais agentes ajudam, conectam, unem e amplificam os

esforços provenientes de iniciativas postas por outros *stakeholders* na tentativa de superar a fragmentação e o baixo retorno quanto ao impacto desejado em face de determinadas mudanças a serem por eles enfrentadas, algumas delas requerendo certa urgência. Das coalizões feitas com outros atores, pode-se contar que advenha visões de futuro, objetivos, aspirações e propostas, expressas por narrativas compartilhadas que permitam alinhar o interesse de todos os envolvidos, mesmo que estes não renunciem às suas agendas individuais (Lee; Waddock, 2021).

Isto leva a questionamentos acerca do envolvimento das IES no campo da sustentabilidade, em termos de seu papel fundamental na promoção da IS. Neste sentido, Bayuo, Chaminade e Göransson (2020) sugerem que conceitos tais como colaboração, cocriação de conhecimento e pesquisa participativa são abordagens que devem ser discutidas para se entender o engajamento das universidades em atividades desta natureza. Inclusive, a perspectiva participativa tem sido amplamente utilizada para criar caminhos e cenários para a sustentabilidade, principalmente, na esfera local (Szetey *et al.*, 2021), como preconiza o pressuposto do desenvolvimento sustentável.

Nesse âmbito, Stephens *et al.* (2008) chegam a considerar as IES como locais críticos de produção, perpetuação e disseminação do conhecimento na sociedade, posicionando-as como agentes de mudança fundamentais nas transições para a sustentabilidade. Yañez-Figueroa, Ramírez-Montoya e García-Peñalvo (2022), em sua revisão sistemática de literatura, respaldam essa percepção ao reconhecerem que as universidades são os espaços que mais promovem a participação nos laboratórios para gerar ações de sustentabilidade aplicáveis na vida real, sendo que o trabalho é feito para desenvolver protótipos nos níveis local, nacional e internacional.

Assim, cabe prestar atenção na busca por instituições comprometidas com a inovação e que se constituam como espaços seguros e propícios para a IS se consolidar e crescer (Romero-Frías; Robinson-García, 2017). Os autores fazem referência àquelas que disponham de laboratórios entendidos como plataformas projetadas para enfrentar desafios sociais que reúnem três requisitos: (a) enfatizar seu caráter social, reunindo pessoas com características e abordagens diferentes para trabalhar coletivamente; (b) desenvolver experimentos enquanto processos de criação com perspectivas de continuidade ao longo do tempo; e (c) contar com caráter sistêmico e orientado à geração de protótipos ou produtos que possam solucionar grandes desafios.

Nesse contexto, Purcell; Henriksen; Spengler, (2019) inserem as universidades como um ator no ecossistema de mudança, representando um "laboratório vivo" no qual a sustentabilidade é promovida através de estratégias intencionais e aspiracionais alinhadas com o desenvolvimento sustentável de modo a viabilizar a estrutura dos ODS's para atingir esse fim. Já para König e Evans, (2013), um "laboratório vivo" é definido como uma situação ou circunstância em que os desafios de sustentabilidade do mundo real são formalmente abordados em parcerias com partes interessadas.

Retomando-se a visão de Trencher *et al.*, (2014), assinala-se que essa discussão se passa no contexto situado das transições para a sustentabilidade que são globais, mas se distribuem por inúmeras comunidades e regiões em nível local. Isto representa uma mudança da ideia de meramente se buscar o desenvolvimento econômico e social através da transferência de tecnologia e do empreendedorismo, direcionando os olhares para a colaboração com diversos intervenientes internos e externos objetivando criar transformações sociais com vistas à materialização do desenvolvimento sustentável.

A próxima seção reintroduz a discussão tecida em torno da IA com sua ótica transformacional, que cria capacidade positiva e generativa à medida que os participantes exploram seu próprio potencial de mudança e inovação (Garrett, 2022). O principal atributo da lente apreciativa deve-se à sua vertente teórica e metodológica que favorece a IS e estimula o

diálogo normativo (Van Der Merwe; Biggs; Preiser, 2018). Além disso, envolve agentes e pessoas através da colaboração e de narrativas relativas à construção de novos sistemas e projetos de inovação que tenham reconhecido impacto social e comprometimento com a transformação sustentável, através de uma abordagem sistêmica para a mudança, baseada nos pontos fortes de instituições e no uso de referenciais que permitam romper o discurso do déficit, dando margem a um discurso de transformação positivamente autodeterminada (Gusheh *et al.*, 2019).

2.2 INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA: uma abordagem relacional identificada como uma pesquisa transformacional

A conjugação da IA com a IS aqui é feita considerando-se ambas como estruturas relacionais que permitem sua aplicação em um estudo no caso das IES, contando-se abordar seu potencial catalisador para fazer frente ou mesmo desenvolver processos de transformação no que diz respeito às suas causas, condições e desempenho no campo das transições de sustentabilidade. Seguindo essa conotação, a IA propõe que se desenvolva uma abordagem generativa para a sustentabilidade, que combina o princípio positivo no *design* que lhe é inerente, mas que também procura expandir o potencial de uma organização ou mesmo de uma comunidade (UNDP, 2005).

O enfoque da IA faz parte desse contexto, acreditando-se que seus fundamentos sirvam para se analisar a busca de instrumentos que focalizem a catalisação de uma transformação social e organizacional, posto que, quando se explora profundamente a questão do que dá vida a um sistema, encoraja-se e inspira-se comportamentos colaborativos, mais pró-sociais e expansivos por parte de seus integrantes (Armstrong; Holmes; Henning, 2020; Setton, 2017).

Do ponto de vista relacional, o alinhamento da IA com a IS se desenrola por meio da matriz do social construcionismo (Cajaiba-Santana, 2014), mediante a qual o conhecimento e o significado são formados por meio de processos e ações sociais, em que as visões dos participantes sobre uma determinada situação ou fenômeno decorrem do fato de suas experiências serem vividas em um mesmo contexto interacional.

Em ambas as abordagens, os experimentos expressam um dado processo de aprendizagem coletiva considerado como uma das principais maneiras pelas quais as partes interessadas moldam a IS (Romero-Frías; Robinson-García, 2017). Para tanto, é necessário que haja um ambiente propício que permita a experimentação e se atente para os requisitos do *design* de transição, o que explica, por exemplo, a ascensão dos laboratórios de inovação no setor público (Blomkamp, 2022; McGann; Blomkamp; Lewis, 2018). O interessante é saber como isto pode ser transposto para o caso das IES brasileiras, em um futuro estudo ainda a ser delineado.

O engajamento e a cooperação das partes interessadas no processo de criação de valor (Hörisch *et al.*, 2014)ⁱⁱⁱ são elementos integrantes do referencial da IA que se foca na aprendizagem em redes de conhecimento aplicadas a diferentes escalas, delas podendo-se esperar lições aprendidas e benefícios percebidos em estratégias que passam por processos de *co-design*, ao discutir questões variadas de sustentabilidade, visando a superar desafios comuns em praticamente todas as áreas que tratam da mudança ambiental (Horlings, 2016). Deste modo, cabe levar em conta os contextos e as lógicas que permitam colaboração, engajamento e assertividade cultural como assim propõe a IA (Bartunek; Balogun, 2022). Isto implica discutir o que dá sentido à mudança de forma generativa e colaborativa (Sim, 2019).

Por meio da IA, pode-se pensar acerca de como articular uma série de tendências emergentes e que tipo de abordagem pode ser usada para se delinear um ecossistema educacional conectivo baseado em um processo inclusivo, mas universal (Biggeri; Testi; Bellucci, 2017). O engajamento de partes interessadas, processos de cocriação e esquemas de

participação que tornem a pesquisa orientada para a solução e saída da problemática social hoje emergente são componentes básicos a serem discutidos, para que as universidades venham a ser consideradas agentes de desenvolvimento sustentável (Bayuo; Chaminade, Göransson, 2020).

Porém, é o diálogo aquilo que constitui a principal força construtiva da mudança, cuja leitura feita pelos atores institucionais deve ser capaz de despertar empatia ao ser transposta sob a forma de narrativas e da análise dos processos de *co-design*. Em termos mais aplicados, a abordagem dialógica da IA compreende três processos: (a) uma nova interpretação narrativa da construção social contínua da realidade em estreita dependência com a percepção que se deve ter acerca da complexidade e contingência do desenvolvimento sustentável; (b) a adesão a um processo de mudança que dê espaço às narrativas consentâneas com essas ideias emergentes; e (c) a geração de imagens que propiciem alternativas novas e atraentes para se pensar e agir diante da agenda da sustentabilidade (Bushe; Marshak, 2015).

Como vem sendo argumentado, entende-se que a IA pode ser aplicada para se desenvolver caminhos de pesquisa e desenvolvimento inclusivos e sustentáveis, ligados à IS. Richards (2012) alerta para o fato de que conteúdos temáticos ligados à IA permitem realizar estudos que envolvem construção de relacionamentos, coautoria de um futuro, reflexividade e significado de narrativas de mudança. Aliás, o campo de estudos que se voltam para o futuro tem assistido a um crescente interesse em relação ao potencial das abordagens narrativas que projetem o vir a ser contido nos enredos sobre a transformação social (Wittmayer *et al.*, 2019).

Segundo Cajaiba-Santana (2014), as inovações sociais fundamentalmente se manifestam em mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções, resultando em novas práticas sociais. É preciso entender como as pessoas agem, bem como dão sentido às suas realizações por meio de narrativas de mudanças (Haxeltine *et al.*, 2017).

É neste sentido que se defende a produção de mudanças em um mundo que passa por grandes transformações e que se desenvolva uma proposta de natureza transformacional capaz de levar até o alcance da solução de problemas sociais e que seja caracterizada por uma aspiração explícita de se ter um propósito e compromisso com a ciência (Wuppertal Institute, 2023). Portanto, parece ser crucial atingir o objetivo de contribuir para a catalisação dos processos de mudança e envolver ativamente as partes interessadas no processo de pesquisa generativa, de sorte a se avançar na esteira das transições para a sustentabilidade.

Daí, neste ensaio, a ênfase em se ter como referência a adoção de estratégias que possam revelar a capacidade generativa dos agentes, a qual se refere ao desafio dos pressupostos orientadores, à formulação de questões fundamentais, ao ato de reconsiderar aquilo que é dado como certo e, assim, de gerar novas alternativas para a ação social (Bushe, 2007; Gergen, 1978).

Moriggi (2022) utilizou os princípios filosóficos da IA para mostrar seu *status* como uma pesquisa transformadora, apontando para cinco dimensões, cujos significados e práticas estão ilustrados no Quadro 1. A autora insere a IA no contexto da ciência da sustentabilidade, indicando sua aplicação para se entender e abordar os problemas socioecológicos, de forma interdisciplinar, contemplando diferentes atores sociais envolvidos em processos de pesquisa abertos e inclusivos, voltados para a construção colaborativa da realidade.

Quadro 1 – *Ethos* da apreciação (cinco dimensões)

DIMENSÕES	SIGNIFICADOS E PRÁTICAS
Iluminar o milagre da vida	Aceitar que a vida é misteriosa e, como tal, deve ser apreciada com admiração e abertura na investigação
Questionar realidades tidas como certas	Estar disposto a desafiar padrões habituais de pensar e agir, bem como estar aberto e curioso para usar a imaginação e a disponibilidade para pensar, livremente, a respeito das mudanças
Vislumbrar novas possibilidades	Adotar a prática de acolher as infinitas possibilidades que existem ao se imaginar e interagir com diferentes mundos sociais

Criar conhecimento nas relações	Compreender que a existência humana é fundamentalmente relacional. Em vez de olhar apenas para a agência humana, é preciso focalizar os relacionamentos e ver os outros como cocriadores vitais de nossa mente, nosso eu e nossa sociedade
Possibilitar uma convivência justa e sustentável	Ir além da visão antropocêntrica e dar espaço à abordagem ecocêntrica que diz respeito à consciência da interdependência em relação a todas as formas de vida

Fonte: adaptado de Moriggi (2022) e Zandee; Cooperrider (2008).

Ademais, para Horcea-Milcu (2022), uma agenda de pesquisa centrada na transformação precisa estar orientada para a produção de conhecimento em conjunto com a sociedade e situar-se em um dado contexto de aplicação formado por instituições articuladoras de valores que sejam dialógicas. Nas transições para a sustentabilidade, a incorporação de valores criados em experimentos apoiados por temáticas pertinentes como é o caso da IA mostram que eles são os mais indicados para facilitar, em certa medida, a convergência em torno de visões de futuros sustentáveis.

Bentz, O'Brien e Scoville-Simonds (2022) entendem que a jornada da sustentabilidade, apesar de estar em curso e refletir um reconhecimento crescente de que as sociedades precisam se transformar agora, ainda requerem o preenchimento de lacunas entre conhecimento e ação e exigem abordagens qualitativamente diferentes para se enfrentar e ativar transformações para a sustentabilidade. A pergunta que se faz é como fazer isto acontecer.

Neste terreno, as abordagens relacionais, a exemplo da IA podem ser invocadas para se obter *insights* consideravelmente mais profundos sobre valores e comportamentos/ações subsequentes na interação com a natureza e a sustentabilidade (Yuliani *et al.*, 2022). Por sua vez, Chan, Gould e Pascual (2018) observam que os valores relacionais positivos podem oferecer oportunidades importantes para se alcançar uma mudança transformadora em direção à sustentabilidade.

Com efeito, nas palavras de West *et al.* (2020) está em alta a ocorrência de estudos da chamada virada relacional nas ciências humanas e sociais mirando uma mudança de paradigma apropriado à ciência da sustentabilidade. Não obstante esse avanço, os autores constataram que ainda há uma incerteza generalizada sobre as origens, promessas e desafios de trabalhar com o pensamento relacional, incluindo a atividade de experimentar de forma compartilhada e as epistemologias ligadas aos relatos de conhecimento. As abordagens relacionais são àquelas que geram mais relatos empíricos da produção de conhecimento, suscitando conhecimentos mais situados e diversos para a tomada de decisão em circunstâncias em que a sustentabilidade se encontra em jogo (West *et al.*, 2020).

Para Veland *et al.*, (2018), esquemas baseados em narrativas abrem espaços para a coconstrução de caminhos transformadores e a criação de um roteiro de pesquisa que seja alinhado com as múltiplas e diversas experiências de agência pró-sustentabilidade. Neste sentido, a atenção dada à narrativa pode ajudar a facilitar o entendimento do contexto acerca das situações transformacionais, o que exige saber olhar para o fenômeno com lentes onto-epistêmicas pelas quais as pessoas dão sentido à experiência que têm (ou tiveram) ao navegar na mudança. Para tanto, os autores alertam que os futuros transformadores dependem de uma capacidade de traçar caminhos seguros e desejáveis, em direção a futuros dignos para todos, de forma inclusiva

Em uma perspectiva transformadora, iniciativas que juntam IA e IS podem ser conhecidas por meio de relatos sobre como a sociedade se transforma e quem faz parte desse processo (Wittmayer *et al.*, 2019). Pode-se focar o que foi feito no passado, como se dá a construção do presente e se desenha o futuro desejado (Davies; Simon, 2013). Nas transições para sustentabilidade, as mudanças envolvem a esfera pessoal e grupal em relação a crenças, valores, visões de mundo e reflexões acerca de paradigmas antes praticados, para se chegar até uma tomada de posição (McCrory *et al.*, 2020.)

O referencial da IA é bem sugestivo para que se possa elaborar estudos inclusivos e sustentáveis, ligados à IS. Aliás, seus conteúdos podem ser obtidos por meio de uma pesquisa positiva e do potencial generativo direcionado à transformação (Whitney; Trosten-Bloom; Vianello, 2019). Nesse contexto, investigações experienciais tais como as que são de caráter apreciativo assumem ainda maior primazia quando se trata da IS, pois têm lentes potenciais que dizem como a capacidade organizacional pode ser viabilizada (Petousis, 2016).

Moriggi *et al.* (2020) complementam dizendo que na busca de condições a favor da transformação se torna necessário: (a) o envolvimento atento ao contexto e às suas interdependências; (b) a vontade de experimentar; e (c) a atenção que deve ser dada ao empoderamento das partes envolvidas. Sem prejuízo de nenhum desses três elementos, os autores reforçam que a experimentação e a aprendizagem iterativa são consideradas fatores essenciais na pesquisa transformacional.

3 CONCLUSÃO

Não há propriamente conclusões neste ensaio acadêmico em que se buscou estabelecer as conexões relacionais inerentes tanto à IS como à IA como elementos integrantes de uma agenda de trabalho associada às transições para a sustentabilidade tomando-se as IES como objeto empírico de um futuro estudo.

Obteve-se o que West *et al.* (2021) apontam como uma contribuição fundamental do pensamento relacional, que reside no uso de conceitos que estão sendo discutidos no campo das ciências da sustentabilidade e se constituem uma virada nas ciências humanas e sociais. Segundo os autores, os conceitos são poderosos posto que designam o que ontologicamente se vivencia no mundo e moldam nossas ações e instituições, além de ter um caráter provocador e facilitador a favor de uma abertura de paradigma.

Como visto, as abordagens relacionais utilizadas neste texto remetem à IS e à IA, cada qual com sua orientação e conteúdos próprios, tendo em comum o fato de contribuírem para que se possa ir para frente, à luz de um dado contexto/finalidade transformacional.

O contexto situado das transições para a sustentabilidade foi avaliado como àquele que desperta a atenção do leitor por sua importância e urgência (Audretsch; Eichler; Schwarz, 2022; Lee; Waddock, 2021). Segundo Bartels e Wittmayer (2018), uma boa proposta para enfrentar esse desafio consiste em propor um modo de pesquisa que (a) gere conhecimento acionável, (b) tenha fundamentos para se abordar e fortalecer relacionamentos, e (c) possa transformar crítica e construtivamente os sistemas hegemônicos. Nesse particular, os autores elegem a pesquisa como uma das estratégias que atendem à necessidade de contribuir nos estudos das transições para a sustentabilidade, ressaltando seu caráter transformacional.

Segundo Haxeltine *et al.* (2013), a IS também pode ser, teoricamente, transformadora, criando as condições para a mudança sistêmica, com base em uma perspectiva de transições para a sustentabilidade e enfatizando as estratégias de empoderamento, discursos transformadores e avanços que mudem o jogo. Conhecendo-se os discursos teóricos, então, pode-se propor que seja feito um programa de pesquisa empírica necessário para se refinar as questões referentes ao que se entende por inovações sociais transformadoras (Haxeltine *et al.*, 2017; Haxeltine *et al.*, 2013). Este é um ponto a ser aperfeiçoado, a partir da natureza propositiva nascida deste ensaio em que se elegeu como objeto de estudo as IES, conforme se pretende fazer na futura etapa desta agenda de trabalho.

Assim, está-se diante de uma perspectiva que se identifica com o desenvolvimento de uma pesquisa transformacional na esfera da ciência da sustentabilidade, em um campo nascente, onde ainda se busca responder às questões de incerteza e direcionamentos acerca de como lidar com o desconhecido (Wiek *et al.*, 2012).

A IA, como uma abordagem centrada no *design* colaborativo voltado para a mudança transformacional pode contribuir para que os domínios da IS também sejam contemplados, melhor definidos e integrados a uma base analítica que tome as IES como algo concreto e espaço empírico de estudo. Com tais entidades, faz-se necessário estabelecer um diálogo, tendo em vista o fato de serem elas entendidas como instituições transformadoras e propícias para se lidar com o fenômeno dos laboratórios vivos, abertos à inovação e à experimentação perante um desafio que é global, mas se revela concretamente em nível local (Puentes *et al.*, 2021; Purcell; Henriksen; Spengler, 2019; Trencher *et al.*, 2014).

Antes de finalizar, porém, cabe assinalar que a natureza da IA foi abordada do ponto de vista filosófico, sem que se tenha pretendido enfocá-la metodologicamente de *per se*, bem como aos modelos utilizados em sua aplicação,^{iv} o que sinaliza para os próximos passos a serem dados e significa que não se lidou com a ideia de estar este ensaio pronto e acabado. Portanto, muito ainda deverá ser feito na agenda de trabalho aqui apresentada.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, A. J.; HOLMES, C. M.; HENNING, D. A changing world, again. How Appreciative Inquiry can guide our growth. **Social Sciences & Humanities Open**, v.2, n. 1, 2020.

AUDRETSCH, D. B.; EICHLER, G. M.; SCHWARZ, E. J. Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. **International Entrepreneurship and Management Journal**, p. 1-38, 2022.

BARTELS, K.; WITTMAYER, J. (Eds.). **Action Research in Policy Analysis: Critical and Relational Approaches to Sustainability Transitions**. New York: Routledge advances in research methods, 2018.

BARTUNEK, J. M.; BALOGUN, J. Context and how it matters: Mobilizing spaces for organization-community sustainable change. **Strategic Organization**, v. 20, n. 4, p. 832-845, 2022.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. Writing Narrative Literature Reviews. **Review of General Psychology**, v. 1, n. 3, p. 311-320, 1997.

BAYUO, B. B.; CHAMINADE, C.; GÖRANSSON, B. Unpacking the role of universities in the emergence, development and impact of social innovations—A systematic review of the literature. **Technological Forecasting and Social Change**, n. 155, p. 2-11, 2020.

BENTZ, J.; O'BRIEN, K.; SCOVILLE-SIMONDS, M. Beyond “blah blah blah”: exploring the “how” of transformation. **Sustainability Science**, v. 17, n. 2, p. 497-506, 2022.

BIGGERI, M.; TESTI, E.; BELLUCCI, M. Enabling ecosystems for social enterprises and social innovation: a capability approach perspective. **Journal of Human Development and Capabilities**, v. 18, n. 2, p. 299-306, 2017.

BLOMKAMP, E. Systemic design practice for participatory policymaking. **Policy Design and Practice**, v. 5, n. 1, p. 12-31, 2022.

BROADLEY, C. Advancing Asset-Based Practice: Engagement, Ownership, and Outcomes in Participatory Design. **The Design Journal**, v, 24, n. 2, p. 253-275, 2020.

BRUNSTEIN, J.; RODRIGUES, A. L. Gestores e sustentabilidade: a difícil tradução do significado para a ação competente. **Revista Alcance**, v. 21, n. 1, p. 524, 2014.

BUSHE, G. R. Appreciative inquiry is not about the positive. **OD Practitioner**, v. 39, n. 4, p. 33-38, 2007.

BUSHE, G.; MARSHAK, R. J. **Dialogic organization development: The theory and practice of transformational change**. Oakland: Berrett-Koehler, 2015.

CAJAIBA-SANTANA, G. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological forecasting and social change**, n. 82, p. 42-51, 2014.

CHAN, K. M.; GOULD, R. K.; PASCUAL, U. Editorial overview: Relational values: what are they, and whats the fuss about? **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 35, p. A1-A7, 2018.

CHOI, N.; MAJUMDAR, S. Social Innovation: Towards a Conceptualisation. In: MAJUMDAR, S.; GUHA, S.; MARAKKATH, N. (Eds.). **Technology and Innovation for Social Change**. Springer India, 2015.

CHUNG-SHIN, Y.; RENAUX, J.; CHIKERMANE, V.; RAJANI, J. J. Co-designing a social innovation model for changemakers. In: Proceedings of RSD7, Relating Systems Thinking and Design 7, 23-26 Oct 2018, Turin, Italy. [...Annalls...].

COOPERRIDER, D. L.; SRIVASTVA, S. The gift of new eyes: personal reflections after 30 years of appreciative inquiry in organizational life. In: RAMI, A. B. e NOUMAIR, D. A. (Eds.), **Research in Organizational Change and Development**. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2017. V. 25.

DAVIES, A.; SIMON, J. How to grow social innovation: A review and critique of scaling and diffusion for understanding the growth of social innovation¹. Paper prepared for the 5th International Social Innovation Research Conference, 2-4 September 2013, Oxford [...Annalls...].

DZIMIŃSKA, M.; FIJAŁKOWSKA, J.; SUŁKOWSKI, Ł. A conceptual model proposal: Universities as culture change agents for sustainable development. **Sustainability**, v. 12, n. 11, p. 4635, 2020.

EDWARDS-SCHACHTER, M. E.; MATTI, C. E.; ALCÁNTARA, E. **Special Issue: Innovation, Innovation Policy, and Social Inclusion in Developing Countries**, v. 28, n. 6, p. 672-692, November 2012.

ESTENSORO, M. How can social innovation be facilitated? Experiences from an action research process in a local network. **Systemic Practice and Action Research**, v. 28, p. 527-545, 2015.

- FARLA, J.; MARKARD, J.; RAVEN, R.; COENEN, L. Sustainability transitions in the making: A closer look at actors, strategies and resources. **Technological Forecasting and Social Change**, V. 79, N. 6, p. 991-998, 2012.
- FINEGOLD, M. A.; HOLLAND, B. M.; LINGHAM, T. Appreciative inquiry and public dialogue: An approach to community change. **Public Organization Review**, v. 2, n. 3, p. 235-252, 2002.
- GARRETT, M. D. Applying Appreciative Inquiry to Research in the Field of Inclusive Education. **Canadian Journal for New Scholars in Education**, v. 13, n. 1, p. 104-115, 2022.
- GERGEN, K. J. Toward generative theory. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 36, n.11, p. 1344-1360, 1978.
- GUSHEH, M.; FIRTH, V.; NETHERTON, C.; PETTIGREW, C. The creation of the UTS Social Impact Framework: A collaborative approach for transformational change. **Gateways: International Journal of Community Research and Engagement**, v. 12, n. 2, p. 1-22, 2019.
- HAXELTINE, A.; AVELINO, F.; WITTMAYER, J.; KEMP, R.; WEAVER, P.; BACKHAUS, J.; O'RIORDAN, T. **Transformative social innovation**: a sustainability transitions perspective on social innovation. Paper presented at Social Frontiers, London, United Kingdom, 2013.
- HAXELTINE, A.; PEL, B.; WITTMAYER, J.; DUMITRU, A.; KEMP, R.; AVELINO, F. Building a middle-range theory of Transformative Social Innovation; theoretical pitfalls and methodological responses. **European Public & Social Innovation Review**, v. 2, n.1, p. 59-77, 2017.
- HAVAS, A.; SCHARTINGER, D.; WEBER, K. M. Innovation studies, social innovation, and sustainability transitions research: From mutual ignorance towards an integrative perspective? **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 48, p. 100754, 2023.
- HORCEA-MILCU, A. Values as leverage points for sustainability transformation: two pathways for transformation research. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 57, p. 101205, 2022.
- HÖRISCH, J.; FREEMAN, R. E.; SCHALTEGGER, S. Applying stakeholder theory in sustainability management: Links, similarities, dissimilarities, and a conceptual framework. **Organization & Environment**, v. 27, n. 4, p. 328-346, 2014.
- HORLINGS, L. G. Connecting people to place: sustainable place-shaping practices as transformative power. **Current opinion in environmental sustainability**, v. 20, p. 32-40, 2016.
- HOWALDT, J.; BUTZIN, A.; DOMANSKI, D. AND KALETKA C. (Eds.). **Theoretical approaches to social innovation**: a critical literature review. A deliverable of the project: "Social Innovation: Driving Force of Social Change" (SI-DRIVE), Dortmund: Socialforschungsstelle, 2014.

- JAHAN, N.; NAVEED, S.; ZESHAN, M.; TAHIR, M. A. How to Conduct a Systematic Review: A Narrative Literature Review. **Cureus**, v. 8, n. 11, p. 1-6, November 04, 2016.
- KLITKOU, A.; BOLWIG, S.; HUBER, A.; INGEBORGRUD, L.; PLUCIŃSKI, P.; ROHRACHER, H.; SCHARTINGER, D.; THIENE, M.; ŽUK, P. The interconnected dynamics of social practices and their implications for transformative change: A review. **Sustainable production and consumption**, v. 31, p. 603-614, 2022.
- KÖNIG, A.; EVANS, J. Introduction: experimenting for sustainable development? Living laboratories, social learning and the role of the university. In: KÖNIG, A. (Ed.), **Regenerative Sustainable Development of Universities and Cities: The Role of Living Laboratories**. Cheltenham: Edward Elgar, 2013.
- KRLEV, G.; TERSTRIEP, D. Pinning it down? Measuring innovation for sustainability transitions. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 45, p. 270-288, 2022.
- LEE, J. Y.; WADDOCK, S. How transformation catalysts take catalytic action. **Sustainability**, v. 13, n. 17, p. 9813, 2021.
- LOORBACH, D.; FRANTZESKAKI, N.; AVELINO, F. Sustainability Transitions Research: Transforming Science and Practice for Societal Change. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 42, n. 1, p. 599-626, 2017.
- MAHMUDA, I.; BASKARAN, A.; PANCHOLI, J. Financing Social Innovation for Poverty Reduction: A Case Study of Microfinancing. **Science, Technology and Society**, v. 19, n. 2, p. 249-273, 2014.
- MARKARD, J.; RAVEN, R.; TRUFFER, B. Sustainability transitions: An emerging field of research and its prospects. **Research policy**, v. 41, n. 6, p. 955-967, 2012.
- MCCRORY, G.; NIKO SCHÄPKE, N.; JOHAN HOLMÉN, J.; HOLMBERG, J. Sustainability-oriented labs in real-world contexts: An exploratory review. **Journal of Cleaner Production**, v. 277, p. 123202, 2020.
- McGANN, M.; BLOMKAMP, E.; LEWIS, J. M. The Rise of Public Sector Innovation Labs: Experiments in Design Thinking for Policy. **Policy Sciences**, v. 51, n. 3, p. 249-267, 2018.
- MEDEIROS, C. B.; SILVEIRA, S. K. Linhas de Pesquisa em Inovação Social: um levantamento de trabalhos stricto sensu no Brasil. **Revista Inovação Social**, v. 5, n. 2, p. 1-11, jul. - dez. 2023.
- MORIGGI, A. An Ethos and Practice of Appreciation for Transformative Research: Appreciative Inquiry, Care Ethics, and Creative Methods. In: FRANKLIN, A. **Co-Creativity and Engaged Scholarship**. Transformative Methods in Social Sustainability Research. Coventry: Palgrave Macmillan, 2022.
- MORIGGI, A.; SOINIB, K.; FRANKLIN, A.; ROEP, D. A Care-Based Approach to Transformative Change: Ethically- Informed Practices, Relational Response-Ability & Emotional Awareness. **Ethics, Policy & Environment**, v. 23, n. 3, p. 281-298, 2020.

MOULAERT, F.; MACCALLUM, D.; MEHMOOD, A.; HAMDOUCH, A.; EDWARD ELGAR (Eds.), *International handbook on social innovation*. Cheltenham: Edward Elgar, 2013.

MOULAERT, F.; VAN DYCK, B. Framing Social Innovation Research: a Sociology of Knowledge Perspective, In: MOULAERT, F.; MACCALLUM, D.; MEHMOOD, A.; HAMDOUCH, A.; EDWARD ELGAR (Eds.), *International handbook on social innovation*. Cheltenham: Edward Elgar, 2013.

MULGAN, G. The Process of Social Innovation. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, v. 1, n. 2, p. 145-162, Spring 2006.

MULGAN, G.; TUCKER, S.; ALI, R.; SANDERS, B. **Social Innovation**. What it is, why it matters and how it can be accelerated. Oxford Said Business School - Skoll Centre for Social Entrepreneurship, 2007.

OECD. Organisation for Economic Cooperation and Development. Social entrepreneurship and social innovation. In: Organisation for Economic Cooperation and Development – OECD. **SMEs, entrepreneurship and innovation**. (pp. 186-215). Paris: OECD, 2010.

OLSSON, P.; GALAZ, V.; BOONSTRA, W. J. Sustainability transformations: a resilience perspective. **Ecology and Society**, v. 19, n. 4, 2014.

PEL, B.; HAXELTINE, A.; AVELINO, F.; DUMITRU, A.; KEMP, R.; BAULER, T.; KUNZE, I.; DORLAND, J.; WITTMAYER, J.; JØRGENSEN, M. S. Towards a theory of transformative social innovation: A relational framework and 12 propositions. **Research Policy**, v. 49, n. 8, p. 104080, 2020.

PETOUSIS, F. G. **The organisational capacity for social innovation**: an experiential exploration in re-ordering institutional practices. Thesis from Mphil Inclusive Innovation. University of Cape Town's Graduate School of Business, 2016.

PHILLS JR., J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D. T. Rediscovering Social Innovation. **Stanford Social Innovation Review**, p. 34-43, Fall 2008.

PUENTE, C.; FABRA, M. E.; MASON, C.; PUENTE-RUEDA, C.; SÁENZ-NUÑO, M. A.; VIÑUALES, R. Role of the Universities as Drivers of Social Innovation. **Sustainability**, v. 13, n. 24, p. 2-14, 2021.

PURCELL, W. M.; HENRIKSEN, H.; SPENGLER, J. D. Universities as the engine of transformational sustainability toward delivering the sustainable development goals: “Living labs” for Sustainability. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 20, n. 8, p. 1343-1357, 2019.

RICHARDS, J. **Storytelling in Appreciative Inquiry**. Master of Arts in Reading with a concentration in Storytelling (Thesis), Department of Curriculum and Instruction East Tennessee State University, 2012.

ROMERO-FRÍAS, E.; ROBINSON-GARCÍA, N. Laboratorios sociales en Universidades: Innovación e impacto en Medialab UGR. **Comunicar**, n. 51, v. XXV, p. 29-38, 2017.

SCHNEIDER, F.; KLÄY, A.; ZIMMERMANN, A. B.; BUSER, T.; INGALLS, M.; MESSERLI, P. How can science support the 2030 Agenda for Sustainable Development? Four tasks to tackle the normative dimension of sustainability. **Sustainability science**, n.14, p. 1593-1604, 2019.

SENGERS, F.; WIECZOREK, A. J.; RAVEN, R. Experimenting for sustainability transitions: A systematic literature review. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 145, p. 153-164, 2019.

SETTON, O. **The spaces in-between: An appreciative inquiry into cross-boundary collaborative design for social innovations**. Thesis, MPhil in Inclusive Innovation, University of Cape Town, Faculty of Commerce, 2017.

SIM, J. H. Exploring the Relational Leadership Potential of Appreciative Inquiry: A Case Study. **South Asian Journal of Business and Management Cases**, v. 8, n. 1, p. 47-57, 2019.

STEPHENS, J. C.; HERNANDEZ, M. E.; ROMÁN, M.; GRAHAM, A. C.; SCHOLZ, R. W. Higher education as a change agent for sustainability in different cultures and contexts. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 9, n. 3, p. 317-338, 2008.

SZETEY, K.; MOALLEMI, E. A.; ASHTON, E.; BUTCHER, M.; SPRUNT, B.; BRYAN, B. A. Co-creating local socioeconomic pathways for achieving the sustainable development goals. **Sustainability science**, n. 16, p. 1251-1268, 2021.

TRENCHER, G.; YARIME, M.; MCCORMICK, K. B.; DOLL, C. N.; KRAINES, S. B. Beyond the third mission: Exploring the emerging university function of co-creation for sustainability. **Science and Public Policy**, v. 41, n. 2, p.151-179, 2014.

UNDP. United Nations Development Programme. **Leadership through social artistry and Appreciative Inquiry**. UNDP Local Government Programme, 2005.

VAN DER MERWE, S.; BIGGS, R.; PREISER, R. Building social resilience in socio-technical systems through a participatory and formative resilience assessment approach. **Systemic Change Journal**, v. 1, n. 1, p. 1-34, 2018.

VELAND, S.; SCOVILLE-SIMONDS, M.; GRAM-HANSSSEN, I.; SCHORRE, A. K.; EL KHOURY, A.; NORDBØ, M.J.; LYNCH, A.H.; HOCHACHKA, G. BJØRKAN, M. Narrative matters for sustainability: the transformative role of storytelling in realizing 1.5C futures. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, n. 31, p.41-47, 2018.

WEST, S.; HAIDER, L. J.; STÅLHAMMAR, S.; WORONIECKI, S. Putting relational thinking to work in sustainability science – reply to Raymond et al. **Ecosystems and People**, v. 17, n. 1, p. 108-113, 2021.

WEST, S.; HAIDER, L. J.; STÅLHAMMAR, S.; WORONIECKI, S. A relational turn for sustainability science? Relational thinking, leverage points and transformations. **Ecosystems and People**, v. 16, n. 1, p. 304-325, 2020.

WIEK, A.; LANG, D. J. Transformational Sustainability Research Methodology. In: Heinrichs, H., Martens, P., Michelsen, G., Wiek, A. (Eds), **Sustainability Science**. Dordrecht: Springer, 2016.

WHITNEY, D. K.; TROSTEN-BLOOM, A.; VIANELLO, M. G. Action Learning and Action Research: genres and approaches. In: Ortrun Zuber-Skerritt e Lesley Wood (Eds.), **Action learning and action research: genres and approaches**. Bingley: Emerald Publishing, 2019. Chapter 11.

WITTMAYER, J. M.; BACKHAUS, J.; AVELINO, F.; PEL, B.; STRASSER, T.; KUNZE, I.; ZUIJDERWIJK, L. Narratives of change: How social innovation initiatives construct societal transformation. **Futures**, n. 112, p. 102433, 2019.

WUPPERTAL INSTITUTE. **Transformative Research**. Berlin: Wuppertal Institute, 2023. Disponível em: [Transformative Research - Wuppertal Institute for Climate, Environment and Energy \(wupperinst.org\)](https://www.wupperinst.org/en/transformational-research). Acesso em: 24 jul. 2023.

YAÑEZ-FIGUEROA, J. A.; RAMÍREZ-MONTOYA, M. S.; GARCÍA-PEÑALVO, F. J. Social innovation laboratories for the social construction of knowledge: systematic review of literature. **Texto Livre**, v. 14, p. 1-14, 2022.

YULIANI, E. L.; MOELIONO, M.; LABARANI, A.; FISHER, M. R.; TIAS, P. A.; SUNDERLAND, T. Relational values of forests: Value-conflicts between local communities and external programmes in Sulawesi. **People and Nature**, p. 1-17, June 2022.

ZANDEE, D. P.; COOPERRIDER, D. L. Appreciable Worlds, Inspired Inquiry. In: Peter Reason e Hilary Bradbury (Eds.), **The SAGE Handbook of Action Research**. London: SAGE Publications Ltd., 2008.

ⁱ Deve-se chamar a atenção para o fato de que está em curso a superação das chamadas inovações “clássicas” (produtos, processos, organização, marketing), de sorte que novas categorias qualificam a inovação social dentre aquela que tem objetivos voltados para a consecução de novas soluções para questões sociais, por exemplo, relativas ao desenvolvimento social e à qualidade de vida (Havas; Schartinger; Weber, 2023).

ⁱⁱ Como é sabido, a Agenda 2030 compreende cerca de 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas que servem como ponto de referência global para as transições rumo à sustentabilidade (ONU, 2015).

ⁱⁱⁱ Para os autores, três são os desafios da gestão das relações com as partes interessadas para a sustentabilidade: fortalecer os interesses particulares de sustentabilidade das partes interessadas, criar interesses mútuos de sustentabilidade com base nesses interesses específicos e capacitar as referidas partes interessadas a atuarem como intermediárias para a natureza e o desenvolvimento sustentável (Hörisch *et al.*, 2014).

^{iv} Seria o caso do modelo de 5-D, em inglês (português): 1-D *Definition* (Definição), 2-D *Discovery* (Descoberta), 3-D *Dream* (Sonho), 4-D *Design* (Planejamento) e 5-D *Destiny* (Destino), que parte da suposição de que cada organização ou grupo tem um núcleo positivo que gera a energia “renovável” para a transformação (Moriggi, 2022; Whitney; Trosten-Bloom; Vianello, 2019).